

VÍTOR NUNO CORREIA DIAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES JUNTO DA TURMA DO 9ª, NO ANO LETIVO DE 2014/2015

ANÁLISE DO MEU PERFIL DE DESEMPENHO NO FEEDBACK CORRETIVO

Relatório de Estágio em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário orientado pelo Mestre Pedro Fonseca,
apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Junho 2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

VITOR NUNO CORREIA DIAS [2010146462]

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA E
SECUNDÁRIA DA QUINTA DAS FLORES JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO
ANO LETIVO DE 2014/2015**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física – Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

**Orientador FCDEF-UC: Mestre Pedro
Fonseca**

COIMBRA

2015

Esta obra deve ser citada como:

Dias, V. (2015). Relatório de Estágio desenvolvido na Escola Básica e Secundária Quinta das Flores junto da turma 9º A no ano letivo de 2014/2015. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Chegar até ao cimo desta montanha e contemplar a sua vista é de fato prazeroso e gratificante, contudo não nos podemos esquecer da árdua caminhada desde o seu vale até ao cume e das dificuldades vivenciadas e ultrapassadas para alcançá-lo.

Chegado o final desta etapa e quase alcançado o cume da montanha, é tempo de agradecer a todos os que contribuíram e me ajudaram nos percalços da subida, demonstrando para com eles, o meu sincero e eterno agradecimento.

Aos meus pais e à minha irmã por todos os sacrifícios, por toda a compreensão, por todo o apoio e carinho diário e por serem simplesmente aquilo que são. Sem eles não teria a força e a determinação necessárias para levar a cabo este projeto, de forma tão empenhada e empreendedora. São vocês os amores da minha vida.

Aos meus colegas de estágio Alexandra, João Gil, Renato e Jason por todas as partilhas e trocas diárias de ideias e conhecimentos, promotoras de aprendizagem que me tornaram um melhor profissional.

Ao Professor Orientador Paulo Furtado, um agradecimento muito especial por todo o acompanhamento, paciência e cooperação assim como por todos os conhecimentos transmitidos ao longo do ano, tão importantes na aquisição de competências profissionais, tornando-me um melhor professor.

Ao professor Pedro Fonseca pelo acompanhamento realizado, por fomentar a minha capacidade crítica e reflexiva, especialmente na realização do tema-problema.

Aos meus amigos Ricardo Costa, Luís Bernardino, Hector Carvalho, João Gomes, Diogo Martinho e Nuno Dias que me fizeram crescer como pessoa e profissional e com os quais partilhei grandes momentos que levarei comigo para a vida.

Um sincero obrigado a todos os supracitados e a muitos outros que fazem parte do meu dia-a-dia e que têm contribuído para que eu seja a pessoa que sou hoje.

RESUMO

O Estágio Pedagógico está integrado no Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, fazendo parte integrante duma preparação pedagógica, onde cada aluno desempenha funções de professor estagiário numa determinada escola. No meu caso concreto, o mesmo foi realizado na Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores, em Coimbra, junto da turma A do 9º ano de escolaridade, permitindo-me desenvolver um conjunto de competências científicas, pedagógicas e didático-metodológicas essenciais ao desempenho da profissão docente. Este Relatório Final tem como base o processo de Estágio Pedagógico desenvolvido no ano letivo de 2014/2015, o qual se insere no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Ao longo do relatório são referidas as capacidades adquiridas, as tarefas realizadas e as estratégias aplicadas, evidenciando a constante preocupação na evolução e sucesso dos alunos. De um modo consistente este Estágio representa mais uma etapa na formação de um futuro professor de EF consolidado pela supervisão dos professores orientadores habilitados e diligentes que permitiram a aquisição de várias competências necessárias a esta fase. O Estágio Profissional insere-se nos dois últimos semestres do plano de estudo do 2.º Ciclo de Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade de Coimbra, ao qual requer a elaboração de um relatório que documente todo o processo de formação, refletindo sobre planeamento, realização, avaliação, componente ético-profissional) e dimensões (instrução, gestão, clima/disciplina), sentindo-me portanto melhor preparado para os inúmeros desafios escolares, quer no âmbito da organização escolar, quer digam respeito à efetiva prática de docência. Para uma melhor compreensão do trabalho desenvolvido por mim durante este ano letivo (2014/2015), elaborei o presente documento, com o intuito de retratar a experiência do Estágio, iniciando-se com a contextualização da prática desenvolvida, seguindo-se a análise reflexiva acerca da prática pedagógica, ao nível do planeamento, realização e avaliação. No presente documento é ainda aprofundado o tema relativo à análise do perfil de desempenho relativo ao feedback corretivo, através de um projeto de investigação-ação (estudo quantitativo e qualitativo).

Palavras-chave: *Estágio Pedagógico. Educação Física. Planeamento. Realização Avaliação. Relatório*

ABSTRACT

The Pedagogic Stage is integrated in the Masters in Teaching Physical Education of Primary and Secondary Education, Faculty of Sport Sciences and Physical Education, University of Coimbra, an integral part of a pedagogical, where each student plays trainee teacher functions in a particular school. In my case, it was conducted in Primary and Secondary School of Quinta das Flores, in Coimbra, with the class A of the 9th grade, allowing me to develop a set of scientific, pedagogical and didactic and methodological skills essential to the performance the teaching profession.

This Final Report is based on the Teacher Training process developed in the academic year 2014/2015, which forms part of the Master in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education.

Throughout the report the acquired capabilities are referred to, the tasks performed and the strategies applied, showing a constant concern in the evolution and success of students. In a manner consistent this stage represents another step in the formation of a future teacher EF consolidated the supervision of qualified and diligent mentor teachers that allowed the acquisition of various skills for this stage.

The Internship is part of the last two semesters of study plan of the 2nd Physical Education Teaching Cycle on Basic and Secondary Education of Sports of the University of Coimbra, which requires the preparation of a report documenting all training process, reflecting on planning, implementation, evaluation, ethical and professional component) and dimensions (education, management, climate / discipline), feeling therefore better prepared for the many challenges school or within the school organization or say regarding the actual practice of teaching.

For a better understanding of the work done by me during this school year (2014/2015), I prepared this document in order to portray the experience of the stage, starting with the context of the developed practice, followed by reflective analysis about the pedagogical practice in the planning, implementation and evaluation. Herein is further deepened the theme on the performance profile of the analysis relating to corrective feedback, through a project of action research (quantitative and qualitative study).

Key-words: *Pedagogic Internship. Physical Education. Planning. Execution. Evaluation. Report.*

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	vii
ÍNDICE DE TABELAS.....	ix
LISTA DE ABREVIATURAS.....	x
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA... 13	
1. EXPETATIVAS INICIAIS.....	13
2. PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO.....	15
3. OPÇÕES INICIAIS.....	17
4. CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO.....	17
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	17
4.2 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
4.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....	19
CAPÍTULO III – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA. 20	
PLANEAMENTO.....	20
1.1 PLANO ANUAL.....	21
1.1.1. PLANEAMENTO DAS MATÉRIAS.....	22
1.2 UNIDADES DIDÁTICAS.....	23
1.2.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO.....	24
1.2.2 ESTILOS DE ENSINO MOBILIZADOS.....	25
1.2.3 A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA. GRUPOS HOMOGÊNOS VS	
GRUPOS HETERÓGENEOS.....	27
1.3 PLANO DE AULA.....	28
2. REALIZAÇÃO.....	29
2.1 DIMENSÃO INSTRUÇÃO.....	30

2.2 DIMENSÃO GESTÃO.....	31
2.3 DIMENSÃO CLIMA	33
2.4 DIMENSÃO DISCIPLINA	33
2.5 DECISÕES DE AJUSTAMENTO	34
3. AVALIAÇÃO.....	35
3.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	36
3.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	37
3.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA	38
4. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL	39
CAPÍTULO IV – APROFUNDAMENTO DO TEMA PROBLEMA	41
1. TEMA: Perfil de Desempenho do Feedback Corretivo	41
2.INTRODUÇÃO	41
3. OBJETIVOS DO ESTUDO.....	41
4. METODOLOGIA.....	42
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DA AMOSTRA.....	43
4.2 PROCEDIMENTO/RECOLHA DE DADOS	43
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	43
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	46
7. CONCLUSÕES	46
8. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DO ESTUDO	47
CAPÍTULO V – REFLEXÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	49
ANEXOS	53

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Plano Individual de Formação.	16
Tabela 2. Recursos Espaciais.....	19
Tabela 3. Periodização das Unidades Didáticas	23
Tabela 4. Quantidade e direção do FB corretivo transmitido por aula e UD.....	43
Tabela 5. Resultados do inquérito aos alunos referente á UD de Atletismo.....	44
Tabela 6. Resultados do inquérito aos alunos referente á UD de Futsal.....	45
Tabela 7. Análise quantitativa de FB corretivo.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS

EF- Educação Física

EBSQF – Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores

FB- Feedback

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

NEEBSQF – Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

PIF – Plano Individual de Formação

UD – Unidade Didática

Vítor Nuno Correia Dias, aluno nº 2010146462 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

16 Junho de 2015

Vítor Nuno Correia Dias

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Este documento surge no âmbito da Unidade Curricular Relatório de Estágio Pedagógico, inserida no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física (EF) nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS). O Relatório de Estágio procura descrever e analisar criticamente todo o trabalho desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico, que realizámos na Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores no presente ano letivo.

Foi neste ano letivo, ao longo do Estágio Pedagógico que nós testámos tudo aquilo que aprendemos anteriormente e vivenciamos uma nova realidade, crescendo profundamente profissionalmente e pessoalmente.

O presente documento retrata então a nossa experiência do Estágio Pedagógico, onde são abordadas as experiências vividas na docência da Educação Física (EF) junto da turma atrás referida, sempre com o acompanhamento e supervisão do orientador de escola, professor Paulo Furtado e do orientador de faculdade, professor Pedro Fonseca que muito contribuíram para a análise, reflexão e avaliação das práticas docentes. Podemos afirmar enquanto núcleo de estágio que fomos permanentemente uns professores estagiários reflexivos, refletindo sobre a nossa prática, tentando melhorar a cada dia.

Produzimos tudo em torno de um ciclo de constante planificação, ação, observação, avaliação e reflexão, uma vez que o estágio visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovem nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão.

Embora este constitua oficialmente o final de uma etapa formativa, esta nunca termina realmente, pois todos os dias estamos em constante aprendizagem e reflexão. A aprendizagem é uma constante da vida, que é adquirida através de todas as experiências que vamos tendo ao longo da mesma, aliada à capacidade crítico-reflexivo em cada uma dessas experiências.

O documento inicia com a contextualização da prática desenvolvida e seguindo de uma análise reflexiva da prática pedagógica, nas suas diversas dimensões – instrução, gestão, clima, disciplina e decisões de ajustamento. Por último, no quarto capítulo surge

o aprofundamento do tema-problema acerca do perfil de desempenho do feedback corretivo.

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

1. EXPECTATIVAS INICIAIS

Analisando o Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto de 2001, constata-se que os professores são sujeitos que possuem diplomas que certificam a sua formação profissional específica com que se encontram habilitados, através de cursos que são organizados de acordo com as necessidades próprias do desempenho profissional e segundo perfis de qualificação para a docência. Pierón (1996), referindo-se ao Estágio Pedagógico afirmou: “Este momento assume particular interesse na formação dos professores por ser uma etapa de convergência, de confrontação entre os saberes "teóricos" da formação inicial e os saberes "práticos" da experiência profissional e da realidade social do ensino”

Desta forma, este ano letivo não foi de todo igual aos demais, uma vez que passámos de uma posição de alunos para uma posição de docentes. Chegou finalmente a hora! Assim, como é perfeitamente normal, surgem então inúmeras expectativas. Para que escola iremos desempenhar funções? Com que ano de escolaridade iremos trabalhar? Como e qual será a turma? Como seremos enquanto profissionais? Conseguiremos colocar tudo aquilo que sabemos em prática? Qual será o nosso núcleo de estágio? Estaremos à altura do desafio? Conseguiremos ultrapassar as dificuldades? Iremos ter sucesso neste próximo desafio? Muitas são as expectativas e dúvidas que existiram nesta fase inicial, contudo a vontade e o desejo de começar eram ainda mais e maiores. Como dizia, António Gedeão, o sonho comanda a vida, e sempre foi um sonho ser professor de Educação Física. Sinto-me precisamente como quando uma criança recebe uma guloseima ou um presente na noite de Natal, pois tenho a sensação que o primeiro dia de estágio enquanto profissional de Educação Física será o “primeiro dia do resto da minha vida”.

No que respeita à dimensão profissional e ética procurámos ser uns profissionais dinâmicos, procurando-nos envolver ao máximo nas tarefas de nossa responsabilidade assim como cooperar com tarefas delegadas a outros colegas de estágio. Procurámos também envolver-nos em todas as atividades que nos foram solicitadas e possíveis da

escola onde desempenhámos funções, tentando sermos uns profissionais da escola mas também da comunidade envolvente. Tivemos em consideração, a realização de eventos abertos a toda a comunidade escolar assim como à comunidade envolvente que pretendesse assistir e por vezes até participar, contribuindo assim para o sucesso do(s) evento(s). Procurámos responder a todas as adversidades que sucederam, assim como utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo da Licenciatura e do 1º ano do MEEFEBS e colocá-los em prática. Ao longo de todo este processo, adotámos uma prática reflexiva, fundamental na nossa opinião para um bom profissional, buscando informação válida que comprove determinada situação/ação. Esta constante procura por conhecimento vai ao encontro do conceito de professor-investigador, proposto por Stenhouse, nos anos 60. Quanto à participação na escola pretendemos ser profissionais ativos no seio do Agrupamento e da Escola, recorrendo sempre que possível ao trabalho cooperativo entre professores, que de forma cooperativa e solidária trocámos experiências e conhecimentos, contribuindo para o enriquecimento profissional de cada um dos docentes, pois partilha é conhecimento!

No que diz respeito a aspetos relativos ao desenvolvimento e formação profissional e como já supracitado, procurámos desde cedo uma aprendizagem contínua, quer através dos professores mais experientes, do recurso à bibliografia da área para obter um maior número de conhecimentos acerca de determinada matéria, através do estudo e reflexão sobre a mesma, assim como de workshops ou formações relacionadas com a prática pedagógica, das quais destacamos a atividade “Oficina de Ideias em Educação Física” promovida pelo Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Avelar Brotero, que proporcionou um momento de partilha/discussão de ideias e experiências, e ainda o Fórum Internacional de Ciências de Educação Física. Importa referir ainda que nas modalidades onde o domínio não é total, esta postura de pesquisa e de reflexão foi ainda mais intensa.

Quanto ao desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, a máxima de que “o aluno é a razão de ser do professor” esteve sempre presente, onde o nosso principal objetivo foi a aprendizagem dos alunos. Procurámos sempre adotar as melhores estratégias para que os alunos conseguissem atingir os seus objetivos, procurando deste modo facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Para além do objetivo principal que será a aprendizagem, procurámos também fomentar o gosto pela atividade física e pela

disciplina, utilizando muitas vezes a avaliação formadora, procurando a sensibilização para os benefícios da Educação Física. Tentámos ainda criar um clima de felicidade, amizade, solidariedade e de proximidade com os nossos alunos, integrando-os no processo de aprendizagem, para que eles se sentissem responsáveis, autónomos e reflexivos ao longo de todo o processo. Importa ainda salientar que ser professor não se confina apenas às quatro paredes, e por isso, fora do contexto de sala de aula, estivemos sempre disponíveis para ajudar os alunos, tanto no desenvolvimento escolar como também no seu desenvolvimento pessoal, sendo professores exigentes para com eles, mas também um amigo para quando fosse necessário.

2. PLANO INDIVIDUAL DE FORMAÇÃO

O Plano Individual de Formação foi elaborado no âmbito da candidatura ao estágio pedagógico, após término e conclusão do primeiro ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, assim como também para o primeiro período letivo. Diz respeito a um documento de extrema importância, pois tratou-se de um guia orientador da ação e processo formativo ao longo de todo o Estágio Pedagógico. Costa (1996) afirma que o planeamento da formação consta da tomada de um conjunto de decisões que define a natureza dos diferentes momentos de atividade para a satisfação das necessidades de formação, permitindo estabelecer a sequência de desenvolvimento da sua implementação.

Através deste plano foram apresentados dois tópicos principais, um primeiro que aborda as expectativas iniciais, onde consta a dimensão profissional e ética, a participação na Escola, o desenvolvimento e formação profissional e o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. O segundo tópico tem em consideração a autoanálise do nível de competências de partida, onde são demonstrados os pontos fortes e fracos relativos ao tópico, bem como as oportunidades/possibilidades de melhoria e as ameaças ao seu desenvolvimento.

Assim, no PIF refletimos quanto ao percurso a realizar ao longo do ano letivo, analisando os pontos fortes e pontos fracos. Através destes, elaborei para cada uma das áreas do estágio (planeamento, realização e avaliação) objetivos de aperfeiçoamento e fragilidades de desempenho detetadas, bem como estratégias para as superar.

Considerando que ser professor pressupõe uma atitude constantemente reflexiva, o PIF assentou assim numa reflexão detalhada sobre a etapa seguinte de formação, permitindo-me comparar as dificuldades iniciais e objetivos definidos com estado atual em cada momento.

De seguida, na tabela 1, são apresentadas as fragilidades, objetivos e estratégias de superação, que tinham sido definidas inicialmente no PIF.

Tabela 1. Plano Individual de Formação.

	Fragilidades de desempenho	Objetivos de aperfeiçoamento	Estratégias de Superação
Planeamento	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar o Programa Nacional de Educação Física definindo objetivos e adequando-os às características da turma. - Elaborar a extensão e sequência de conteúdos, pensando na aprendizagem dos alunos. - Selecionar os exercícios ajustados a cada grupo de nível. - Definir tempo adequado para cada exercício durante a aula - Utilizar diversas estratégias e estilos de ensino promotores de aprendizagem para os alunos 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar o Programa Nacional de Educação Física detalhadamente, estudando e analisando os conteúdos e progressões pedagógicas. - Promover diferenciação pedagógica, utilizando estratégias de ensino que facilitem a aquisição de aprendizagens por parte dos alunos. - Utilizar estratégias e estilos de ensino diversificados, procurando um melhor desenvolvimento dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reflexão com o núcleo de estágio e professores orientadores. - Pesquisa e revisão bibliográfica - Frequência de formação contínua
Realização	<ul style="list-style-type: none"> - Supervisionar ativamente a turma em aulas de avaliação. “escravo da avaliação” - Gestão e controlo do tempo definido para cada exercício. 	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar a capacidade de controlar o tempo dos exercícios, ajustando-o face a um imprevisto. - Elaboração de grelhas simplificadas/ checklist 	<ul style="list-style-type: none"> - Reflexão com o núcleo de estágio e professores orientadores. - Pesquisa e revisão bibliográfica - Frequência de formação contínua
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> - Ministar feedbacks simultaneamente com o registo da avaliação na respetiva grelha. ”Escravo da avaliação” - Decidir pormenorizadamente a nota na avaliação sumativa (em valores de 1 a 5). 	<ul style="list-style-type: none"> -Elaboração de grelhas simplificadas/ checklist - Lecionar aulas de avaliação com as características de uma aula normal, -Utilizar cuidadosamente as grelhas de avaliação estabelecidas/definidas. 	<ul style="list-style-type: none"> Reflexão com o núcleo de estágio e professores orientadores. - Pesquisa e revisão bibliográfica - Frequência de formação contínua

3. OPÇÕES INICIAIS

Após término do primeiro ano do segundo ciclo de estudos, começámos todos nós a pensar na etapa seguinte que seria o Estágio Pedagógico, devendo desde então fazer as primeiras escolhas inerentes ao mesmo, mais especificamente decidir a escola para onde iríamos desempenhar funções de professores estagiários assim como conseqüente Núcleo de Estágio. Para tal escolhas e decisões, foi marcada uma reunião para o dia quinze de julho de 2014, pelas 9h30 na sala 57 do pavilhão 3, importando referir que a ordem de escolha estava relacionada com a média final de cada um dos candidatos no primeiro ano de mestrado. Sabendo que iria ser dos primeiros a escolher a escola, preocupei-me desde cedo em recolher informação/feedback relativamente a cada uma das escolas disponíveis (localização, número de alunos, orientador responsável, número de alunos por núcleo de estágio, testemunhos de ex-estagiários) de modo a facilitar a minha decisão. Sabendo também da importância e da necessidade do trabalho cooperativo que o Estágio Pedagógico exige, procurei integrar o mesmo núcleo de colegas com quem mantinha uma relação de amizade e confiança. Posto tudo isto, optámos pela Escola Básica e Secundária Quinta das Flores, por termos muitas referências positivas da mesma referentes aos aspetos supracitados analisados.

Ficou ainda assim, a faltar a escolha da turma, que acabou por ser feita posteriormente por consenso entre professores estagiários, tendo-me sido atribuído o 9º A, tendo em conta o horário atribuída à mesma.

4. CARACTERIZAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores (EBSQF) situa-se numa zona urbana de Coimbra, na freguesia de Santo António dos Olivais. A sua localização geográfica é privilegiada, encontrando-se numa das zonas de maior desenvolvimento e crescimento demográfico da cidade de Coimbra, sendo que está situada na Rua Pedro Nunes, enquadrando-se numa zona habitacional privilegiada e bastante desenvolvida, com ótimos acessos rodoviários, provida da rede de transportes públicos da cidade e com oferta de inúmeros recursos nas áreas da Educação, Saúde, Serviços e Comércio. Entrou este ano letivo para o seu trigésimo primeiro ano de funcionamento. Após as obras de renovação e requalificação, realizadas pela empresa Parque Escolar em

parceria com o Ministério da Educação no decorrer dos anos letivos de 2009/2010 e 2010/2011, e que conduziram à partilha do espaço físico e dos recursos com o Conservatório de Música de Coimbra, a Escola Básica e Secundária - Quinta das Flores, Tratando-se então de uma estrutura que funciona com a integração do Conservatório de Música de Coimbra no mesmo espaço físico, o que permite a articulação da componente específica artística com a componente de formação geral.

A EBSQF é bastante moderna, dispondo de excelentes recursos espaciais e materiais. Tem um bloco principal, no qual se situa um grande auditório com capacidade para mais de trezentas, a biblioteca, os serviços administrativos, o serviço de psicologia e orientação escolar, o apoio educativo (ensino especial), a cantina, o bar, a papelaria, a reprografia, os laboratórios de Física, Química, Biologia, Microscopia e Geologia, a sala de dança, a sala de orquestra, salas de música e ainda a sala da Associação de Pais e Encarregados de Educação e da Associação de Estudantes. Nos restantes blocos (B, C e D) onde são lecionadas a maior parte das aulas, há também salas específicas de informática, Educação Visual, Expressão Plástica e Teatro.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O grupo de Educação Física é constituído por treze professores e cinco professores estagiários integrando o departamento de Expressões e regendo-se pelo regulamento interno da escola bem como pelo regulamento interno de grupo.

O grupo de Educação Física utiliza o modelo de ensino por blocos trabalhando em regime de rotação de espaços, pois considera-se, que deste modo é mantida a equidade de oportunidades para todas as turmas, no que concerne ao período de tempo em cada espaço. A periodicidade das rotações é cerca de seis semanas, mantendo-se a mesma durante todo o ano letivo, permitindo assim, que cada turma esteja pelo menos uma vez em cada um dos espaços disponíveis na escola. Quando as condições climatéricas são adversas, se possível, o espaço 5 e espaço 1 são partilhados.

Quanto às ferramentas, pode-se dizer que existe na EBSQF uma diversidade de materiais para lecionar diversos conteúdos, não sendo pela falta de material, que o processo de ensino-aprendizagem perderá alguma vez qualidade. No entanto, como estão sempre várias turmas a ter aula em simultâneo, acaba por ser provocado um constante desgaste do material desportivo, estando alguns deles a perder relativa

qualidade. São apresentados na tabela seguinte (2) os recursos espaciais disponíveis e possíveis matérias a lecionar.

Tabela 2. Recursos Espaciais.

Espaço	Localização	Matérias de ensino possíveis
1	1/3 do pavilhão e sala de ginástica	Ginástica, Dança, Patinagem, Atletismo (Salto em Altura), Golfe, Luta, Judo.
2	2/3 de pavilhão	Voleibol, Ténis, Basquetebol Badminton, Patinagem; Futsal, Andebol.
3	Pista de atletismo	Atletismo
4	Zona central do polidesportivo descoberto	Futsal, Andebol, Rugby e Ténis
5	Espaço polidesportivo coberto	Futsal, Andebol Basquetebol e Rugby, Hóquei em Campo
Sem número	Espaço descoberto/Campo Anexo	Jogos Tradicionais; Futsal, Andebol Basquetebol e Rugby, Voleibol.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A Turma do 9ºA é constituída por 27 alunos dos quais 14 são raparigas e 13 são rapazes. Por sua vez, destes, três alunos têm treze anos; vinte deles têm catorze anos; dois têm quinze anos e dois têm dezasseis anos. Neste âmbito, importa referir que um dos alunos da turma foi transferido de outra escola. Para melhor e mais pormenorizada caracterização da turma, foi aplicado um questionário aos alunos da mesma. Após análise dos dados recolhidos e no que concerne à tipologia dos encarregados de educação, existem 19 alunos cujo encarregado de educação é a mãe e 8 alunos que é o pai. Com efeito, constatou-se que nesta turma todos os encarregados de educação são o pai ou mãe do aluno, não havendo, portanto, nenhum caso especial a registar neste âmbito.

Alterando a temática em análise, agora, para o percurso escolar dos alunos, há a salientar que existem 4 alunos na turma que já ficaram retidos ao longo do seu percurso escolar, e dois deles que ficaram retidos no ano anterior. Ainda no que concerne às classificações, a análise dos dados revelou que, no caso da Educação Física, 1 aluno terminou com 3, 16 alunos com 4 e 10 alunos com 5, não havendo, por conseguinte, nenhum aluno sem aproveitamento à disciplina. Quanto às disciplinas que os alunos

mais gostam, destaca-se, em primeiro plano, a Educação Física, com 15 menções, seguida de Ciências, com oito menções. Por outro lado, as disciplinas que os alunos revelaram gostar menos foram Matemática com 15 menções, Físico-química com 8 menções e Português com 6 menções cada.

CAPÍTULO III – ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA PLANEAMENTO

Relativamente ao Planeamento, iremos abordar os seguintes subtemas: Plano Anual, Unidades Didáticas e Planos de aula. Começamos por referir que na nossa opinião planos não são nada mas planear é tudo, uma vez que planear significa preparar. Quanto melhor se preparar uma aula, menores são as hipóteses de algo correr mal durante a mesma. “ Planear é estudar, organizar e coordenar ações a serem tomadas para a realização de uma atividade, com o objetivo de solucionar um problema ou alcançar um objetivo. O planeamento auxilia na orientação, organização e concretização daquilo que se deseja alcançar.” (Carvalho et al., 2011).

O planeamento constitui uma etapa fundamental no processo de Ensino-Aprendizagem, uma vez que se trata de uma antecipação e organização das tarefas, em função dos objetivos que se pretendem alcançar, tal como nos indica Piéron (1993), dizendo que a planificação deve contemplar a organização das atividades a lecionar e a seleção das mesmas em face dos objetivos estabelecidos, para além dos procedimentos e momentos de avaliação de forma a controlar as aprendizagens. Ao longo deste ano letivo e fruto desta experiência enriquecedora que é o Estágio Pedagógico, foi possível verificar a importância do planeamento para o sucesso das nossas aulas mas também das aprendizagens conseguidas pelos alunos em cada matéria abordada, assim como é apologista Bento (2003) de que “uma melhor qualidade do ensino pressupõe um nível mais elevado do seu planeamento e preparação”. Ao longo deste ano letivo, nós enquanto docentes estagiários, foi nesta fase que efetuamos a seleção das matérias a lecionar, a definição dos conteúdos a abordar e a definição dos objetivos a atingir, procurando desde cedo fazer uma ligação entre as metas curriculares estipuladas e o contexto real onde estivemos inseridos.

Esta etapa dividiu-se em três dimensões ou fases: plano anual (longo prazo), unidades didáticas (médio prazo) e plano de aula (curto prazo) que como já foi supracitado, irão ser referidos neste tópico.

1.1 PLANO ANUAL

A elaboração do Plano Anual constitui uma projeção das atividades para todo o ano letivo e disse respeito ao ponto de partida para o trabalho a desenvolver no estágio pedagógico junto da turma A do 9º ano.

Através da sua conceção, situámos a escola face ao espaço/comunidade envolvente, a turma face à escola e aos espaços físicos, materiais e humanos existentes e os alunos face às aprendizagens a adquirir, ao meio escolar e à realidade familiar (cultural e socioeconómica). Definimos ainda os objetivos e as competências a atingir, os instrumentos e procedimentos a usar, as estratégias de ensino a aplicar e a calendarização dos momentos e tipos de avaliação.

Procurámos integrar todas as informações fundamentais sobre a turma, que pudessem ajudar o professor nas tarefas de elaboração, seleção, organização e distribuição de conteúdos numa sequência lógica (permitindo deste modo, um conhecimento mais profundo acerca das necessidades da turma, resultando num planeamento específico e rigoroso). Constata-se então que a elaboração do plano anual exige trabalhos preparatórios de leitura, análise e reflexão dos documentos de referência – ao nível macro, o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo do Ensino Básico; ao nível meso (os documentos orientadores da escola, como o Regulamento Interno da Escola e do grupo de Educação Física, e ainda o Projeto Educativo de Escola); ao nível micro (análise e caracterização da turma, quer através dos dados referentes ao ano letivo anterior, quer através dos questionários elaborados por nós enquanto assessores do cargo de direção de turma).

Podemos ainda salientar como aspetos importantes referentes a esta etapa, o fato de na nossa escola (EBSQF) a seleção das matérias estar dependente da rotação de espaços estipulada. Queremos também referir que desde cedo, a plasticidade desta etapa esteve presente, uma vez que consideramos que o Plano Anual deve ser ajustável, pois caso os alunos defraquem ou superem as expectativas do professor face

aos objetivos a alcançar, o planeamento deverá ser ajustado, definindo novas metas, dando-as sempre a conhecer aos alunos (responsabilizando-os neste processo).

1.1.1. PLANEAMENTO DAS MATÉRIAS

A escolha das matérias/modalidades a abordar ao longo do ano letivo foi uma das primeiras tarefas realizadas pelo núcleo de estágio, sendo esta realizada numa reunião, onde imperou o espírito crítico e reflexivo existente no núcleo, assente em constante partilha e discussão de ideias e pareceres coletivos. Procurámos ir ao encontro do que está definido no Programa Nacional de Educação Física (PNEF) para os anos de escolaridade em questão (9º ano e 12º ano neste caso), mas nunca esquecendo a comunidade/ contexto envolvente, a escola e mais especificamente a turma. Através das linhas gerais e orientadores do PNEF procurámos elaborar um plano de intervenção pedagógica para o decorrer do ano letivo, que foi ajustável, uma vez que não nos esquecemos mais uma vez do contexto escolar, das necessidades e interesses dos nossos alunos.

Apesar de todas as ideias que foram surgindo e de toda a criatividade apresentada na reunião chegámos à conclusão de que as nossas opções estavam algo condicionadas, tendo que nos moldar às imposições estabelecidas pela rotação de espaços definida pelo grupo de Educação Física, pois o modelo de periodização vigente é o modelo de periodização por blocos, que segundo o PNEF assenta “numa igualdade de oportunidades, concretizada pela distribuição equitativa da presença das turmas nos espaços de maior qualidade”. No fundo, diz respeito a uma sucessão de blocos de matérias em função do espaço que a turma ocupa durante um determinado número de aulas, estando ainda dependente dos recursos materiais disponíveis. Apesar deste sistema de rotação através de um modelo de planificação por blocos, em que cada turma permanece cerca 6 semanas em cada espaço, ter limitado algo as nossas ideias, procurámos ainda assim adequar e ajustar ao máximo às características de cada turma em questão. Para além disto, importa ainda salientar que três das seis matérias a lecionar (Ginástica, Voleibol e Atletismo), foram de certo modo impostas, devido aos espaços terem condições privilegiadas para a sua lecionação, e por ser habitual a sua lecionação.

Deste modo, as nossas seguintes opções recaíram sobre as modalidades de andebol, pelo facto de ser uma modalidade que sabíamos antemão que as nossas turmas

tinham contatado apenas uma vez, o futsal, pois a escola dispõe de excelentes condições espaciais para a sua prática e considerámos que se trata de uma modalidade que agrada a grande maioria dos alunos e ainda a Luta (Greco-Romana e Livre Olímpica), por se tratar de uma matéria com a qual os alunos nunca tinham tido contato anterior. Ficou então definido que seriam abordadas duas unidades didáticas por cada período letivo.

Tabela 3. Periodização das Unidades Didáticas

Período	Início	Fim	Espaço	UD
1º	15/09/2014	24/10/2014	1	Ginástica Acrobática
	27/10/2013	17/12/2014	2	Voleibol
2º	05/01/2015	16/02/2015	3	Atletismo
	19/02/2015	06/04/2015	4	Futsal
3º	09/04/2015	12/05/2015	5	Andebol
	11/05/2015	05/06/2015	1	Luta

1.2 UNIDADES DIDÁTICAS

A conceção das unidades didáticas/temáticas constitui uma etapa árdua e rigorosa, assumindo uma importância fundamental para o sucesso das aprendizagens dos alunos, uma vez que é através da elaboração das mesmas que os conteúdos e os objetivos foram definidos. Anteriormente tínhamos ficado com a ideia em anos letivos prévios que a elaboração das unidades didáticas constituía uma parte aborrecida e perfeitamente dispensável para o processo, contudo neste momento chegamos mesmo a concordar com Bento (2003) que refere que a elaboração das unidades didáticas se trata de uma etapa onde ocorre a maior parte do planeamento, o que por sua vez já mostra o quão fundamental e imprescindível é. De fato, ao longo do Estágio Pedagógico fomos apercebendo melhor da importância desta fase, pois quanto melhor for a preparação da UD, maior é a facilidade em lecioná-la, o que por sua vez irá melhorar as aprendizagens dos nossos alunos.

Temos ainda que referir que durante a elaboração das unidades didáticas, procurámos sempre ir ao encontro das especificidades não só da comunidade envolvente mas também e principalmente da turma, tendo o máximo cuidado e espírito reflexivo aquando da escolha das estratégias e estilos de ensino a utilizar. Para tornar este

processo pedagógico o mais específico e rigoroso possível, as unidades didáticas foram sempre elaboradas após a realização da avaliação diagnóstica para ir ao encontro do nível encontrado na turma em questão. Todas as unidades didáticas tiveram um cariz ajustável, isto é, revelaram alguma plasticidade, uma vez que sempre que fosse necessário e adequado, poderiam ser feitos alguns ajustamentos ao longo das mesmas, baseados nos dados recolhidos ao longo das aulas (avaliação formativa). Refira-se por exemplo o caso da UD de voleibol, na qual estava implícita o objetivo de terminar a realização de jogo 4x4, contudo a evolução dos alunos levou à elaboração de um ajustamento, tendo então que posteriormente avaliar os alunos em situação de jogo formal 6x6. Para terminar este tópico, não podemos deixar de destacar a importância do trabalho colaborativo entre os elementos do núcleo de estágio, sendo esta uma das tarefas onde este é mais visível e necessário.

1.2.1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

A adoção das estratégias de ensino constitui também uma outra etapa de cariz fundamental e imprescindível, uma vez que na nossa opinião constitui uma preparação para possíveis acontecimentos e foram selecionadas por nós com base sempre na premissa de Carreiro da Costa (1983) que refere que não existe uma estratégia de ensino ideal, mas a utilização de uma ou de outra será mais ou menos adequada conforme os objetivos que se pretendem alcançar. Para nós, este processo pedagógico assumiu uma enorme importância uma vez que permite ao professor sentir-se mais à vontade com o seu desempenho e com a turma mas também um ensino mais contextualizado, contribuindo deste modo, mais facilmente para a aprendizagem dos alunos.

Enquanto núcleo de estágio, definimos entre nós uma série estratégias de ensino gerais, procurando então que a avaliação diagnóstica fosse realizada na primeira aula de cada unidade didática. Procurámos sempre a escolha de exercícios dinâmicos, melhorando a motivação dos alunos, otimizando o tempo de empenhamento motor dos alunos, de modo a diminuir a ocorrência de comportamentos inadequados e fora da tarefa. Os exercícios deveriam ser simples no início de cada unidade didática, diminuindo assim o tempo de aula despendido em instrução e gestão, igualmente com o propósito de rentabilizar o tempo de prática motora. Para além disto, os exercícios deveriam garantir sempre um aumento progressivo de dificuldade, isto é, do mais

simples para o mais complexo, criando assim condições para que os alunos fossem bem-sucedidos através de um processo de melhoria contínua. Tivemos ainda em conta as funções didáticas, procurando que os conteúdos seguissem uma lógica de introdução, exercitação, consolidação e posterior avaliação. Foi também combinado e decidido entre todos, que deveríamos agir de forma rígida com os alunos, no que diz respeito às atitudes na aula, definindo regras claras a adotar na aula assim como também deveríamos continuamente recorrer ao questionamento como forma de verificar a retenção de conhecimentos por parte dos alunos. Outras estratégias que não foram esquecidas por nós, foram a recorrente utilização da demonstração para permitir uma melhor captação aos alunos daquilo que era pretendido e também a ministração de feedbacks de forma individualizada para além dos direcionadas para o grupo e/ou turma.

1.2.2 ESTILOS DE ENSINO MOBILIZADOS

O espectro de estilos de ensino propostos por Mosston e Ashworth (2008), sempre foi uma temática que nos despertou interesse e desde então procurámos ler e saber mais acerca do mesmo, tendo ficado acordado que ao logo desta experiência pedagógica que é o estágio, que iríamos cada um de nós, experimentar e vivenciar sempre que possível alguns estilos de ensino, partilhando posteriormente a experiência. Apesar disso, verificámos que a sua aplicação não é assim tão fácil quanto parece, ou pelo contexto, características ou especificidades da turma, mas também devido à nossa inexperiência pedagógica.

Enquanto docentes estagiários, optámos desde cedo por atribuir maior preponderância a estilos de ensino com menor autonomia dos alunos, nomeadamente o estilo de ensino por comando e por tarefas ao quais recorreremos mais frequentemente ao longo deste ano letivo. O estilo de ensino por comando foi o que teve uma maior preponderância ao longo das aulas, pois tal como se pode ler na entrevista de Mosston e Ashworth, é este o estilo de ensino mais indicado e fulcral para garantir o controlo da turma, afetando diretamente o comportamento dos alunos para melhor, o que se acabou por repercutir positivamente no clima de aula, propiciando uma mais facilitada aquisição de aprendizagens. O estilo de ensino por tarefas permitiu-nos orientar o aluno para a prática das habilidades pretendidas, concedendo-lhe tempo para trabalhar

individualmente (prática independente), e possibilitando elevados índices de resposta motora (repetição). Este estilo de ensino concede mais independência aos alunos, possibilitando ao professor o fornecimento de feedback mais individualizado ou em pequenos grupos. Como já referido, estes foram os estilos de ensino mais utilizados tendo em conta o contexto e a minha inexperiência pedagógica e considero que tenha sido o mais adequado, uma vez que Siedentop (1998) também é defensor desta ideia, afirmando que “um estilo de ensino torna-se melhor que outro, porque se adequa melhor ao contexto particular e porque satisfaz, de uma maneira eficaz as necessidades desse mesmo contexto.” Para além dos estilos de ensino supracitados, recorreremos ainda a outros, muito embora com menos preponderância, utilizando também os estilos de ensino recíproco e inclusivo.

Na unidade de ginástica recorreu-se bastantes vezes ao ensino por tarefas, permitindo assim a exercitação de diversas habilidades em simultâneo. Para além disso utilizou-se também o ensino inclusivo, através da criação de níveis (progressões pedagógicas) nos exercícios mais difíceis, podendo assim o aluno optar pelo que considerasse mais adequado. Recorreu-se também ao uso do estilo de ensino recíproco em que os alunos trabalharam aos pares ajudando-se uns aos outros e ministrando feedbacks, promovendo deste modo a interação entre os alunos, estimulando a entreatajuda e cooperação (este estilo de ensino torna-se ainda mais importante uma vez que é aplicado no início do ano letivo)

Nas unidades didáticas de voleibol, andebol e futsal foram privilegiados os estilos de ensino por comando e também por tarefas, permitindo uma individualização do ensino, através da criação de situações pedagógicas diferenciadas. Na unidade didática de atletismo o estilo de ensino por comando foi muitas vezes utilizado, através de uma organização por vagas. A utilização do estilo de ensino por tarefas foi também muitas vezes recorrente, principalmente quando o espaço de aula correspondia a metade do espaço cinco. Na unidade didática de luta, recorreremos ao estilo de ensino por comando, por tarefa e por descoberta guiada (fomentando a criatividade e pensamento dos alunos).

1.2.3 A DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA. GRUPOS HOMOGÉENOS VS GRUPOS HETERÓGENEOS

O nosso núcleo de estágio é apologista de que cada turma é composta não por vinte alunos por exemplo, mas sim por um aluno, mais um, mais outro e outro e assim sucessivamente. Defendemos a individualidade, especificidades e características de cada um dos nossos alunos. Não existem duas pessoas iguais. Portanto a ideia do ensino massificado e igual para todos está ultrapassada. Nesta ordem de ideias, consideramos que o desempenho dos alunos deve ser comparado com eles mesmos, assente numa avaliação de referência criterial e não na comparação com os outros, mesmo que seja difícil e surjam possíveis comparações. Mas de que vale este pensamento, se as turmas são tão extensas? Não dificultará a individualização do ensino como pretendido e aconselhável?

Como combater esta situação? O núcleo de estágio chegou à conclusão, juntamente com as orientações do professor orientador Paulo Furtado, que a divisão dos alunos em grupos é uma excelente forma de individualizar o ensino, predefinindo os grupos em função do nível dos alunos e objetivos definidos, tal como nos indica o PNEF que sugere que a formação dos grupos é um elemento chave na estratégia de diferenciação do ensino. Deste modo, procurámos variar os grupos ao longo das aulas, alternando entre grupos homogéneos e heterogéneos, tendo cada uma das estratégias, as suas respetivas vantagens e desvantagens.

Recorremos mais vezes à utilização de grupos homogéneos, pois têm a vantagem de permitir mais facilmente a diferenciação pedagógica, criando diferentes tarefas, ou condicionantes no caso dos JDC. Apresentam como uma das desvantagens a possibilidade de gerar desmotivação nos alunos menos aptos por se sentirem como os elementos mais fracos, tendo acontecido pontualmente, levando a alterações imediatas no planeamento da tarefa (principalmente na unidade didática de voleibol, quando alguns alunos queriam integrar o jogo formal 6x6, mas não tinham os requisitos ainda necessários, devendo exercitar ainda no 4x4)

No que diz respeito aos grupos heterogéneos, estes permitiram incentivar à cooperação, em que os alunos mais proficientes ajudavam os seus colegas com mais dificuldades (ensino recíproco). No caso dos JDC (especialmente na unidade didática de

Futsal e Andebol) a utilização de grupos heterogéneos permitiu a realização de competições entre todos, com a promoção de diversos jogos e competições equilibradas, incrementando a motivação dos alunos e o clima da aula. Contudo, os alunos menos proficientes poderiam contactar menos vezes com a bola (no entanto, estabelecíamos de imediato regras como a necessidade de a bola passar por todos os elementos por exemplo).

Então a melhor solução passou por um ponto de equilíbrio, devendo variar e diversificar as nossas aulas, utilizando as duas formas.

1.3 PLANO DE AULA

Relativamente à elaboração dos planos de aula, refira-se que foram estruturados de forma a serem enquadrados com as UD previamente construídas, tendo em conta a especificidade das aulas, o número de alunos da turma, as características físicas destes, o espaço de aula, a quantidade e diversidade de materiais, as condições climáticas, o tipo de aula que se pretendia e os objetivos propostos para a mesma. Constata-se então tal como nos indica Bento (2003) que o plano de aula é o elo final da cadeia de planeamento de ensino.

No início do ano letivo, o NEEBSQF elaborou um modelo de plano de aula, baseado numa estrutura de aula tripartida, de acordo com Bento (2003), dividindo a aula em parte inicial, parte fundamental e parte final.

Na parte inicial da aula, visámos a ativação geral do organismo, preparando o mesmo para o esforço subsequente e a exposição dos objetivos da aula e tarefas a realizar, bem como relacionamento da matéria a lecionar com as aulas anteriores. Consideramos este aspeto fundamental, tal como afirma Bento (2003) referindo uma das tarefas mais importantes do professor no início da aula, é transmissão para a turma, dos objetivos e atividades que nela se vão desenvolver.

Para aquecimento geral recorreremos a diversificadas maneiras, quer tenha sido através de corrida contínua, a exercícios de mobilização articular, a jogos lúdicos, entre outras. Ao longo deste ano letivo e fruto de pesquisas realizadas, corroborámos a ideia de Ferreira (1994), de que a parte inicial da aula deve conter exercícios específicos, relacionados com o objetivo da aula. No que concerne à parte fundamental, tal como Bento (2003) refere, procurámos atingir e realizar os objetivos assim como transmitir os

conteúdos propriamente ditos da disciplina. Assim, no planeamento desta fase da aula, elaborei uma estrutura de aula relativamente simples, sempre que os conteúdos o permitissem. Deste modo, pensei cada exercício da aula, considerando as transições entre estes, para que o tempo despendido em gestão fosse o mínimo possível, elevando deste modo o tempo de empenhamento motor. De salientar também que procurei sempre planear as aulas respeitando uma ordem lógica de tarefas, com uma progressão gradual de nível de dificuldade, partindo do mais simples para o mais complexo.

A parte final da aula visa o retorno à calma dos alunos, tal como defendido por Ferreira (1994) que afirma que esta deve permitir que o organismo volte a um estado o mais próximo possível do inicial, ajudando ao processo de recuperação. Recorremos essencialmente a exercícios de alongamentos estáticos e relaxamento muscular, que numa fase inicial eram dirigidos pelo professor, e posteriormente pelos alunos, responsabilizando-os pela seleção dos exercícios mais adequados ao esforço realizado. Foi neste espaço de aula também que realizávamos o balanço da sessão, criando um clima de afetividade e motivação dos alunos para a aula seguinte. Bento (2003), indica que se deve proceder ao balanço da aula, avaliando a disciplina, os resultados e dificuldades dos alunos, destacando os aspetos relevantes e fazendo a ligação com a próxima aula. Não podemos ainda deixar de referir que ao longo do ano letivo, o plano de aula foi flexível, tendo sido ajustado sempre que necessário, mas mantendo quase sempre os seus objetivos.

Para finalizar este tópico, importa salientar que todos os planos de aula foram sempre acompanhados da respetiva fundamentação, na qual eram justificadas as opções tomadas, quer relativamente à seleção dos exercícios e objetivos dos mesmos, quer relativamente às suas funções didáticas.

2. REALIZAÇÃO

Neste tópico, têm ênfase as dimensões da intervenção pedagógica: instrução, gestão, clima, disciplina e decisões de ajustamento. Iremos então abordar e analisar a qualidade da instrução, do clima/disciplina, da gestão ativa da aula e das decisões de ajustamento que foram tomadas.

2.1 DIMENSÃO INSTRUÇÃO

Ao longo deste ano letivo, a dimensão instrução assumiu particular relevância no sucesso das nossas intervenções pedagógicas, tal como afirma Sarmento (1993), a qualidade da instrução “...é determinante para se obterem melhores resultados na aquisição de tarefas motoras”. No que concerne à instrução inicial, procurámos ser sempre objetivos, claros, breves e concisos, para que o tempo útil da aula gasto em instrução fosse minimizado, de modo a promover um elevado índice de prática motora aos alunos. Siedentop (1998) afirma que os professores de Educação Física dedicam 10% a 50% do tempo de aula à instrução. Era também nesta parte inicial da aula, que começávamos por fazer uma revisão da aula anterior, que revelámos aos alunos os conteúdos a desenvolver durante a sessão, contextualizando-os com os conteúdos abordados nas aulas anteriores e que explicávamos as principais tarefas da aula e os objetivos da mesma. Pode-se verificar que damos muita importância à instrução inicial da aula, uma vez que consideramos que é aqui que a aula começa e que queremos envolver os alunos no processo de aprendizagem, sensibilizando-os e focando-os para a aula, tal como refere Bento (2003) – “O essencial da aula – torne-o também essencial aos olhos dos alunos”.

Passando agora o foco de análise para o questionamento, podemos referir que foi recorrente a sua utilização, com diversos objetivos: fazer uma revisão de aulas anteriores, recolher informações das aprendizagens dos alunos (avaliação formativa), captar a atenção dos alunos da turma e também fomentar o espírito reflexivo dos mesmos. Somos da opinião que o questionamento deve ser uma ferramenta importante para o professor, uma vez que permite tornar os alunos mais ativos na construção das suas aprendizagens, o que conseqüentemente resulta num melhor aquisição de conhecimentos.

Uma outra estratégia utilizada por nós, foi a transmissão de informação aos alunos ter sido sempre acompanhada da demonstração indo assim ao encontro de Schmidt (1991) que afirma precisamente que “o professor deve suplementar as suas instruções verbais com a demonstração (modelo), vídeo, filme ou fotografia da ação a ser aprendida. A utilização de imagens ou diagramas de apoio foram recorrentes, principalmente nas unidades didáticas de Ginástica Acrobática, Atletismo e Luta, assim

como a utilização de um bom executante (aluno com um nível elevado de proficiência motora na matéria lecionada) como modelo. Podemos também revelar que no início da unidade didática de ginástica acrobática e de luta, foram utilizados vídeos pedagógicos, relacionados com as matérias em questão, uma vez que os alunos nunca tinham tido qualquer contato com as modalidades, procurando desta feita promover-lhes uma primeira impressão das matérias assim como permitir uma melhor contextualização.

Quanto ao feedback pedagógico, que segundo Aranha (2007), é toda a reação verbal e não-verbal do docente perante a ação motora do aluno, relacionada com os objetivos da aprendizagem, foi utilizado por nós, sempre com grande frequência mas também com qualidade, tendo sido inclusive alvo de estudo científico no âmbito das Jornadas Científico Pedagógicas da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Foi portanto um capítulo bastante analisado, discutido e promotor de novas aprendizagens, tendo sido recorrente a sua utilização nas nossas aulas. Tínhamos em mente a ministração de maior quantidade de feedbacks positivos comparativamente aos feedbacks negativos, o que acabou por ter influência no clima de aula, pois permitiu um incremento da motivação e entusiasmo dos alunos.

No estilo de ensino recíproco, o feedback é uma peça importante e constitui uma boa estratégia, uma vez que permitiu aos alunos, uma maior consciencialização das suas ações, levando-os refletir sobre as mesmas, guiando-os à descoberta, quer dos erros cometidos, quer da forma de os solucionar.

Para finalizar, referimos ainda que a ministração de feedbacks deve respeitar um ciclo, esperando para observar e corrigir a execução subsequente do aluno após primeira informação, através de um novo feedback, aprovativo ou corretivo, contudo tivemos algumas dificuldades iniciais neste parâmetro, tendo sido melhorado ao longo do estágio.

2.2 DIMENSÃO GESTÃO

Uma das principais preocupações no planeamento das aulas foi o tempo de empenhamento motor, “...o empenhamento do aluno resulta de vários fatores como a preparação da sessão, as intervenções do professor e a motivação dos alunos para a atividade física” (Piéron, 1996, *in* Sarmiento *et al.*, 1996). Posto isto, verifica-se a relevância do papel da dimensão gestão no sucesso do processo de ensino-

aprendizagem, sendo um elemento chave na eficácia das atividades físicas e desportivas.

A gestão eficaz de uma aula consiste num conjunto de comportamentos do professor, tal como preconiza Siedentop (1983), e para tal é exigido ao professor um vasto leque de competências relativas à comunicação, organização, regras e atitudes capazes de manter um bom clima de aula (Claro & Filgueiras, 2009). Ao longo destes últimos nove meses, percebemos que todas estas dimensões pedagógicas estão intimamente ligadas entre si, e mais especificamente no que diz respeito à dimensão gestão, foi necessário o planeamento cuidado e pormenorizado de todas as aulas, para evitar tempos mortos e consequentes desvios da tarefa (comportamentos inapropriados).

É possível então confirmar que conseguir uma gestão eficaz da aula é fulcral para diminuir a ocorrência de comportamentos fora da tarefa, o que contribui para uma maior rentabilização do tempo útil de aula e consequente melhor aquisição de conhecimentos. Apesar da nossa inexperiência pedagógica, procurámos nunca ficar presos ao plano de aula, estando constantemente a verificar qual seria o próximo exercício e a que horas deveria começar, para não afetar deste modo a organização e transições da aula, pois isso deveria ser trabalho de casa em pensar um planeamento rigoroso e cuidado, devendo cada um de nós, já ter em mente tudo aquilo que pretendia realizar na aula. Não podemos deixar de referir a importância da utilização de relógio, permitindo-nos ter um maior controlo ao longo da aula.

Para maximizar ao máximo o tempo útil de aula, procurámos sempre organizar a aula segundo uma sequência lógica de acontecimentos, partindo do mais simples para o mais complexo; sempre que possível utilizar exercícios com organizações simplificadas que sirvam os propósitos da aula; pensar o modo de organização dos grupos e a transição entre exercícios tendo em consideração o número de grupos e elementos em cada um deles, mantendo sempre que possível o mesmo número; criação e estabelecimento de rotinas e tarefas; utilização de sinais. Apesar da importância de todos os pontos anteriores, devemos dar especial preponderância à definição de rotinas quer tenham sido impostas no início ou final das aulas, pois ao longo deste *continuum* processo, percebeu-se que a manutenção e conhecimento por parte dos alunos destas regras, rentabilizavam em muito, o tempo de aula.

A definição destas rotinas e sinais entraram por exemplo na montagem e arrumação do material necessário à aula, assim como também na transição entre tarefas.

2.3 DIMENSÃO CLIMA

O nosso núcleo de estágio é defensor de que o meio onde estamos inseridos e aquilo que se passa à nossa volta é preponderante para a aquisição ou não de novas aprendizagens, e portanto tentámos sempre criar um clima propício nas nossas aulas, uma vez que consideramos um aspeto chave no processo de ensino-aprendizagem.

Tentámos através das nossas intervenções pedagógicas estabelecer um clima de alegria e entusiasmo, aumentando deste modo a motivação dos alunos da turma. Sempre que possível, reforçámos as boas ações e comportamentos dos alunos mantendo-os empenhados nas tarefas propostas. Desde o início do Estágio Pedagógico, que se tornou fácil a manutenção deste clima, uma vez que o comportamento da turma foi desde cedo sempre controlado por mim, fruto das exigências impostas por mim enquanto docente, fruto das rotinas e sinais definidos desde cedo e claro está da boa relação com os alunos, sabendo estes que poderiam contar comigo para tudo, desde que fossem cumpridores das regras pré-definidas. Para além destes fatores anteriormente indicados, a utilização de meios auxiliares como câmara de filmar, diagramas e imagens de apoio, a utilização de computador para visualizações de vídeos e a constante utilização de pequenas competições lúdico-pedagógicas contribuiu também muito para um clima de aula favorável à aquisição de novas aprendizagens.

Para finalizar este tópico, refira-se uma vez mais que a dimensão clima não se pode obviamente dissociar da dimensão disciplina e gestão.

2.4 DIMENSÃO DISCIPLINA

Iniciamos este tópico como terminámos o anterior, referindo a interligação entre todas as dimensões, e portanto uma vez que estamos a analisar a dimensão disciplina, temos quase que obrigatoriamente afirmar que esta se encontra relacionada e dependente da dimensão instrução, gestão e clima, uma vez que se despendermos muito tempo em gestão da aula, o clima de aula é prejudicado, uma vez que se torna aborrecido para os alunos, o que conseqüente acaba por incrementar a possibilidade de ocorrência de comportamentos fora da tarefa ou indisciplina. Tal afirmação está bem

espelhada na afirmação de Siedentop (1983) que afirma que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender, devendo-se também reforçar a importância da dimensão disciplina na condução do processo de ensino-aprendizagem.

Devo referir que considero esta a dimensão pedagógica mais desafiante, uma vez que são os alunos o ingrediente mágico do processo de ensino aprendizagem, e que o seu comportamento e atitude perante o mesmo é bastante condicionadora da qualidade das aulas. No entanto, esta dimensão não constituiu um problema nas minhas intervenções pedagógicas, tendo sido o comportamento da turma de maneira geral e global adequado às situações, fruto das regras pré definidas, da minha exigência enquanto docente, da predisposição da turma para as matérias abordadas na disciplina, das estratégias e estilos de ensino utilizados e fruto do meu desempenho enquanto docente estagiário (esforço, dedicação e atenção dispensada no planeamento das aulas, por exemplo). Analisa-se então que quanto melhor for o planeamento das aulas e adequação de estratégias, contribuindo para uma melhoria ao nível da dimensão gestão e clima, melhor será o desempenho dos alunos na dimensão da disciplina.

2.5 DECISÕES DE AJUSTAMENTO

Apesar do nosso cuidadoso e rigoroso planeamento e decisões tomadas, existem sempre fatores externos que não podemos controlar, dando as condições climatéricas como exemplo, e por isso o planeamento requer alguma plasticidade, isto é, não deve ser encarado como algo rígido a que devemos ficar presos. De fato, o processo de ensino aprendizagem é passível de sofrer alterações, sempre que seja necessário.

Posto isto, ao longo do ano letivo constatámos que um planeamento eficaz é aquele que é cuidado, rigoroso e reflexivo mas também flexível, onde o professor demonstra capacidade de adaptação ao contexto, sendo imprescindível a criatividade e a capacidade crítico-reflexiva de cada professor.

Ao longo deste ano letivo foram algumas, as decisões de ajustamento tomadas, quer tenham sido nas unidades didáticas, quer tenham sido a nível mais micro, no próprio plano de aula. Na unidade didática de Voleibol, como já referido, foi necessário reajustar alguns objetivos, bem como realizar algumas mudanças na extensão e sequência de conteúdos prevista, devido à evolução dos alunos ser superior à esperada,

complexificando os conteúdos, (introduzindo o jogo formal 6x6). No caso do plano de aula, foram mais frequentes as decisões de ajustamento, devendo-se estas essencialmente às condições climáticas ou ao número de alunos. A título de destaque, refira-se a UD de atletismo, pois durante a sua lecionação as condições climatéricas foram bastante adversas e instáveis, pelo que foi nesta que foi necessário proceder a mais decisões de ajustamento.

Apesar de tudo isso, todos os objetivos que estavam planeados e propostos para esta unidade didática foram alcançados. De referir que durante a UD tornou-se essencial ter sempre um plano alternativo, tornando mais rico o processo de ensino aprendizagem.

Consideramos que as decisões de ajustamento efetuadas durante o ano letivo foram bem adequadas à realidade, revelando capacidade de adaptação da nossa parte.

3. AVALIAÇÃO

A avaliação é um processo contínuo de levantamento das aprendizagens obtidas e das que ficaram por obter, sendo portanto um elemento chave na melhoria do processo de ensino-aprendizagem, permitindo verificar constantemente a congruência entre os objetivos definidos e o estado dos alunos, visando reajustamentos em função destes. Ao longo deste ano letivo, o processo da avaliação constitui um processo regulador do ensino, que permitiu orientar o percurso escolar, certificando os conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno, tendo como objetivo a melhoria do ensino através da verificação de conhecimentos adquiridos, das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares.

Na literatura, muitos são os autores que são apologistas desta mesma conceção, referindo que pode ser considerada como o ato de examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios, adequados a um objetivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão. É de fato a partir deste processo, que se procedem a todos os ajustamentos necessários, nunca devendo esquecer o cariz formativo da mesma, uma vez que tal como indica Perrenoud (1999), a função central da avaliação consiste em ajudar o aluno a aprender e o professor a ensinar.

Indo ao encontro destes critérios, procurámos não ficar escravos da avaliação, tendo sempre em mente a melhoria da nossa intervenção pedagógica, assumindo sempre

a avaliação como uma ferramenta muito rica pedagogicamente, permitindo melhorar a nossa capacidade de reflexão e de tomada de decisão, levando-nos como preconiza Rosado (2003) para uma pedagogia para a mestria.

3.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Segundo Ribeiro (1999), a Avaliação Diagnóstica tem como propósito aferir as posições dos alunos face a novas aprendizagens, que lhe vão ser apresentadas, e a aprendizagens anteriores, que lhes servem de base. Desta forma, permite ao professor saber quais as possibilidades dos alunos e prevenir ou solucionar as dificuldades atuais ou futuras (Carvalho, 1994).

A Avaliação Diagnóstica teve como principal objetivo, fornecer-nos enquanto professores estagiários, informações sobre os níveis iniciais de desempenho dos alunos a uma dada matéria, sendo um ponto de partida para a elaboração das unidades didáticas. Os dados recolhidos conduziram a tomadas de decisão através de uma adaptação do ensino às características e níveis dos alunos, como a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica, e adequação ou reformulação do planeamento.

A avaliação diagnóstica em todas as unidades didáticas lecionadas efetivou-se no início das mesmas, com o objetivo de verificar se os alunos dominavam aprendizagens anteriores, consideradas como pré-requisitos base à UD a iniciar (foram selecionadas os pré requisitos considerados fundamentais). A seleção destes foi sempre elaborada num ambiente cooperativo entre o núcleo de estágio, o que acabou por garantir homogeneidade e coerência, tal como aconteceu na elaboração das grelhas de avaliação, sendo a sua estrutura elaborada pelo núcleo de estágio, optando por utilizar o NE “Não Executa”; “E” Executa e EB “Executa Bem”, de modo a facilitar o processo. Importa ainda salientar que o modo de observação foi também refletido e discutido entre nós, ficando estipulado que a observação do desempenho dos alunos seria realizada o mínimo analiticamente quanto fosse possível, tal como preconiza o PNEF. Na nossa opinião, a observação do desempenho deve ser realizada através de exercícios-critério ou em situações de jogo, aproximando ao máximo a especificidade da matéria.

Assim, como referido anteriormente, a Avaliação Diagnóstica constituiu o ponto de partida para a elaboração da unidade didática ao se definir os objetivos comportamentais terminais, a extensão e sequência de conteúdos e as estratégias de ensino.

3.2 AVALIAÇÃO FORMATIVA

Segundo Ribeiro (1999) a Avaliação Formativa “pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e lhes dar solução”. Assim, a Avaliação Formativa tem como principais objetivos verificar se o aluno está a atingir os objetivos previstos sob forma de conceitos, habilidades e atitudes, identificando as suas dificuldades, e recolher informações que nos permitam a nós professores estagiários adaptar a nossa ação pedagógica, aperfeiçoando o processo de ensino – aprendizagem. A Avaliação Formativa de caráter contínuo, sendo realizada em todas as aulas através da observação, foi no entanto registada ao longo da unidade didática em dois ou três momentos. Neste tipo de avaliação, nós professores, contemplámos aspetos relativos ao domínio sócio – afetivo, tais como pontualidade, assiduidade, comportamento e empenho, e ao domínio cognitivo (conhecimento das regras de segurança, do equipamento e material e das componentes críticas dos vários conteúdos), por meio do questionamento no decurso das aulas, não esquecendo os aspetos relativos ao domínio psicomotor, sendo observados os desempenhos dos alunos, de forma a verificar a direção do processo de aprendizagem e adaptar objetivos caso necessário.

A avaliação formadora também foi tida em conta pelo núcleo de estágio, uma vez que tal como preconizam Gonçalves et al. (2010), este tipo de avaliação permite que os seus dados sirvam para ajudar o aluno a aprender, referindo-se a esta como tendo o objetivo de tornar o aluno ator da sua própria aprendizagem, ajudando o aluno a aprender e o professor a desenvolver a sua capacidade de adequar objetivos e estratégias de ensino. Nesta perspetiva, a avaliação formativa fornece assim um duplo feedback, ao aluno e ao professor, permitindo ministrar feedbacks aos alunos acerca do seu desempenho e permitindo ao professor averiguar quanto ao progresso do aluno, levando-o a realizar ajustes sempre que se revele necessário, para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem. Fica bem patenteada a ideia da função reguladora da aprendizagem que a avaliação formativa assume, tendo por isso o nosso núcleo elaborado também um instrumento de avaliação formativa analisando cuidadosamente, as dificuldades dos alunos, sendo quase sempre semelhante à utilizada na avaliação diagnóstica, permitindo deste modo comparar de forma mais rigorosa o desempenho e

progressão dos alunos. No entanto, em algumas unidades didáticas (caso da ginástica acrobática), a grelha de avaliação formativa diferenciava-se, sendo mais detalhada.

3.3 AVALIAÇÃO SUMATIVA

Segundo Ribeiro (1999) “a avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”. Também Rosado (1997) defende que a avaliação sumativa se traduz num juízo globalizante sobre o desenvolvimento do conhecimento e competências, capacidades e atitudes dos alunos, tendo lugar no final de cada período letivo, no final de cada ano e de cada ciclo de ensino.

Assim, tem uma função classificatória e o seu objetivo é atribuir uma nota definitiva, tendo por base os níveis de aproveitamento que foram anteriormente estabelecidos, ao sumariar o desempenho de um determinado aluno, num conjunto de objetivos de aprendizagem (Arends, 1995).

Este tipo de avaliação teve como principal objetivo aferir a progressão dos alunos e avaliar as suas aprendizagens durante a unidade didática, atribuindo-lhes uma classificação quantitativa. Teve no entanto, outro objetivo igualmente importante que foi o de permitir a nós professores, avaliar o nosso próprio desempenho durante a unidade didática.

Relativamente às aulas de Avaliação Sumativa, respeitámos sempre o formato normal das aulas de Educação Física (situações de aprendizagem e avaliação, que eram já conhecidas pelos alunos) realizando-se esta, nas duas ou na última aula de cada unidade didática, seguindo os critérios de avaliação e respetivas cotações estipulados pelo grupo de Educação Física no início do ano para os vários domínios, de forma a obter uma classificação final do aluno. Tivemos também em conta as especificidades, características e necessidades dos alunos, assumindo a diferenciação pedagógica um papel essencial, o que acabou por permitir uma avaliação criterial o máximo possível, tornando-a uma processo justo e coerente.

A título de exemplo, para uma melhor perceção do que foi acima descrito, refira-se que por exemplo na unidade didática de voleibol, apenas alguns alunos foram avaliados em situação de jogo formal 6x6, sendo os restantes em situação 3x3.

Também na UD de atletismo, este processo esteve presente uma vez que existiam diferentes barreiras e conseqüentes alturas diferentes.

Para sintetizar tudo o que foi supracitado, preconizamos que uma aula de avaliação sumativa deverá ser uma aula rica em oportunidades de aprendizagem, devendo o professor fornecer feedbacks de forma frequente.

Como ponto interesse e de análise, referimos que ao longo deste ano letivo houve em quase todas as situações correspondência entre o nível de desempenho dos alunos na avaliação formativa com aquilo que obtiveram no momento da avaliação sumativa.

4. ATITUDE ÉTICO-PROFISSIONAL

A escola é sem dúvida alguma um espaço social de relações permanentes e profundas, regidas por um código e linguagem próprias, onde se inserem uma série de indivíduos com papéis diferentes dentro do mesmo espaço educativo, como são o caso dos professores que são mediadores que se encontram em constantes interações e relações humanas com todos os intervenientes na comunidade escolar (elementos da direção, professores, encarregados de educação, alunos e funcionários). Desta maneira procurámos um relacionamento afável, respeitoso e profissional com todos estes intervenientes, de forma a respeitar o espaço escolar e a fomentar uma atitude correta perante todos. Também face à escola e ao departamento tivemos esta postura, participando ativamente na vida escolar, quer organizando atividades desportivas (Torneios Multidesportos, Palestras sobre Alimentação e Atividade Física, Organização de um Peddy Paper) quer participando em atividades escolares (reuniões de departamento, de conselho de turma, geral de professores, auxílio em atividades radicais: rappel). No que concerne à postura perante a turma, há a registar a presença assídua e pontual, procurando sermos justos com os alunos enquanto profissionais de ensino, dando sempre o nosso melhor no sentido de criar condições favoráveis ao progresso dos alunos nas aprendizagens. Esforçámo-nos para sermos motivadores, procurando inovar nas práticas pedagógicas, dando informações sobre as avaliações e oportunidades de evolução e de opinião aos alunos nas diversas matérias abordadas. De referir também que enquanto núcleo de estágio, cumprimos sempre com todas as nossas obrigações (observações de aulas, participação em reuniões, todas as ações inerentes aos

trabalhos de grupo, redação de atas, etc.), aceitando sempre as sugestões do nosso orientador assim como de outros professores da escola. No que diz respeito à assessoria à Direção de Turma, estivemos sempre presentes no horário de atendimento aos Encarregados de Educação, revelando desde logo a nossa disponibilidade para promover um trabalho conjunto com o(a) diretor(a) de turma, auxiliando nas suas inúmeras funções. Os professores são um modelo a seguir por parte dos alunos, sendo muitas vezes referências para os mesmos, e por tudo isso, esta componente da ética profissional constitui uma dimensão importantíssima no desenvolvimento do agir profissional do professor. Segundo Patrício (1993), através das ações do professor, os alunos adquirem hábitos, reproduzem comportamentos, assumem e formam valores, contribuindo assim para a integração do aluno na sociedade e na formação do seu próprio caráter.

Neste parâmetro consideramos que o nosso desempenho ao longo do ano letivo foi positivo a todos os níveis, uma vez que para além do compromisso ético para com as aprendizagens dos alunos, destacaram-se também as atitudes demonstradas ao longo do ano letivo, procurando sempre contribuir para o desenvolvimento da integral dos alunos, estando sempre disponíveis para ajudar os nossos alunos, uma vez que consideramos que a função de um professor não se confina apenas à da sala de aula.

Nesta temática temos ainda de referir que consideramos que o desenvolvimento e formação profissional se trata de um processo contínuo e permanentemente inacabado, devendo o professor incorporar a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional (Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto). Segundo Formosinho (1992), o professor é definido como um profissional que promove a instrução, a socialização e o desenvolvimento de outrem, tendo uma formação inicial de nível superior, e que procura (auto)formar-se continuamente de modo permanente. Apologistas destas ideias e procurando ir ao seu encontro, frequentámos formações complementares ao longo do ano letivo, referindo-nos ao Fórum Internacional das Ciências da Educação Física, assim como à Oficina de ideias promovida pelo Núcleo de Estágio da Escola Secundária Avelar Brotero.

CAPÍTULO IV – APROFUNDAMENTO DO TEMA PROBLEMA

1. TEMA: Perfil de Desempenho do Feedback Corretivo

2. INTRODUÇÃO

Este projeto pretende analisar o uso do feedback corretivo de um professor estagiário, como instrumento pedagógico e de aprendizagem no estágio pedagógico em que estivemos inseridos. Reflete sobre a importância do feedback deste tipo e sua relação com diferentes unidades didáticas. Apresenta os tipos de feedbacks transmitidos pelo professor em estudo, em duas modalidades distintas assim como a percepção que os alunos da turma têm relativamente à informação que receberam.

A escolha deste tema surgiu com o objetivo de escolher um tema no âmbito da Didática e a projetos que o Gabinete de Ciências da Educação Física está a desenvolver, como as Jornadas Científico-Pedagógicas. Para além deste motivo, procurámos conciliar as duas coisas, realizando este projeto mas estudando simultaneamente, o nosso desempenho enquanto professores. Resumidamente, procurámos investigar a educação enquanto se educa realizando um projeto de investigação-ação, visando lidar com um problema concreto, localizado num determinado contexto. Escolhemos estudar e analisar o perfil de desempenho no feedback corretivo no âmbito geral, mas também perceber se houve diferenças entre as duas unidades didáticas abordadas, assim como também realizar uma comparação com o que está escrito na literatura, com objetivo de analisar a utilização e qualidade dos feedbacks durante as aulas e por sua vez melhorá-los, melhorando claro está a nossa intervenção pedagógica e conseqüentemente o processo educativo.

3. OBJETIVOS DO ESTUDO

A realização deste projeto de investigação-ação pode caracterizar-se pela sua diversidade de objetivos de diferentes dimensões, uma vez que consegue destacar do trabalho realizado: objetivos de formação, objetivos de carácter formativo/ reflexivo e de cumprimento de tarefas. Em relação aos objetivos a atingir, procurou-se escalonar, isto é, diferenciar os objetivos dependendo do seu grau de generalidade e dimensão, partindo do mais geral para o concreto. Para isso, definiu-se os objetivos de formação

(1º dimensão) a atingir, sendo estes de caráter mais geral, estando o seu cumprimento subjacente ao desenvolvimento profissional no que respeita à função de professor estagiário. Os objetivos de reflexão e análise (2º dimensão) visam analisar situações e procedimentos no âmbito das aulas observadas e refletir sobre isso de forma a compreender diferentes acontecimentos, preparando-nos para futuras intervenções. Os objetivos de Cumprimento de Tarefas (3º dimensão) prender-se-ão com tarefas específicas a que nos propusemos realizar no âmbito deste projeto, procurando por isso que exista coerência entre os objetivos a atingir e as tais tarefas propostas a realizar.

Pode-se então referir como objetivos desta investigação: a participação nas Jornadas Científico-Pedagógicas; Melhoria da nossa intervenção pedagógica; Melhoria no conhecimento do processo educativo; o relembrar e aprofundar de aprendizagens anteriores; Perceção e análise do desempenho enquanto docente; Colmatar a escassa investigação nesta área científica; Elaboração de um artigo científico para publicação.

4. METODOLOGIA

A realização deste trabalho assentou numa metodologia de investigação quantitativa e qualitativa para recolher os dados necessários à consecução dos objetivos estabelecidos, mais especificamente através da observação participante. De acordo com Bodgan e Biklen, a investigação qualitativa é a que mais se utiliza em educação, pois tem como finalidade observar e compreender os comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos.

Uma das categorias de recolha de dados que refere Coutinho (2011) é a técnica baseada na observação, onde o investigador observa em direto e presencialmente o fenómeno em estudo. Os instrumentos utilizados na investigação qualitativa são essencialmente a observação participante, na qual o investigador se dilui no meio que pretende estudar, tentando recolher o máximo de dados possíveis e o questionário. Para a realização deste projeto utilizou-se a observação, através do acompanhamento e análise contínuo e sistemático do desempenho do docente estagiário, analisando e refletindo sobre a ficha de registo dos feedbacks e questionários aplicados aos alunos da turma. Recorreu-se também a outros documentos bibliográficos/literários complementares fundamentais.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DA AMOSTRA

O projeto de investigação-ação deu-se com o contato com uma turma do 9º ano de escolaridade (9º A), constituída por vinte e sete alunos, com uma média de idades de quatorze anos, sendo quatorze alunas do sexo feminino e treze alunos do sexo masculino. A escola onde o professor foi alvo de estudo é a Escola Básica e Secundária da Quinta das Flores, situada em Coimbra.

4.2 PROCEDIMENTO/RECOLHA DE DADOS

Este projeto foi elaborado através de cinco fases. Uma primeira de pesquisa bibliográfica, atuando como ponto de partida; uma segunda fase de registo descritivo dos feedbacks transmitidos- foram necessárias seis aulas de quarenta e cinco minutos; uma terceira de aplicação de um inquérito aos alunos, aferindo a sua opinião/perceção à transmissão de feedbacks por intermédio do professor; uma quarta fase de análise e reflexão dos resultados obtidos, sendo apresentados nas Jornadas Científico-Pedagógicas organizadas pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, da Universidade de Coimbra; e uma última fase de nova intervenção e consequente melhoria do processo educativo.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

		Conteúdo	Direção		
Data	UD	Corretivo	Aluno	Grupo	Turma
15/01/2015	Atletismo	25	20	0	5
28/01/2015	Atletismo	22	18	4	0
05/02/2015	Atletismo	20	14	5	1
12/03/2015	Futsal	28	7	5	15
05/03/2015	Futsal	25	10	4	11
12/03/2015	Futsal	14	10	1	4

Tabela 4- Quantidade e Direção do Feedback Corretivo transmitido por aula e por Unidade Didática

Tratamento dos dados- Atletismo

1-O feedback transmitido pelo professor influencia o desempenho do aluno?	Concordo Totalmente- 15 respostas
	Concordo- 12 respostas
	Sem opinião-
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente-
2-Consideras que o teu professor durante as aulas, transmite bastante feedback?	Concordo Totalmente- 11 respostas
	Concordo- 16 respostas
	Sem opinião-
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente-
3-Consideras que parte desse feedback foi muitas vezes dirigida a ti?	Concordo Totalmente- 2 respostas
	Concordo- 14 respostas
	Sem opinião- 10 respostas
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente- 1 resposta
4-O feedback que o professor te transmitiu melhorou o teu desempenho?	Concordo Totalmente- 11 respostas
	Concordo- 14 respostas
	Sem opinião- 2 respostas
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente-
5-Dá exemplo por favor, de um ou mais, feedbacks que te recordes de uma aula.	<p>“Tronco inclinado para a frente no momento de cortar a meta”- 3x mencionado.</p> <p>“Perna de ataque estendida....ataque à barreira”- 4x mencionado</p> <p>“Procura o solo”- 4x mencionado</p> <p>“Joelho a 45º”- 2x mencionado</p> <p>“Não desacelera”- 1 x mencionado</p> <p>“É isso mesmo, estás a fazer melhor” -1 x mencionado</p> <p>“Correr na ponta dos pés, vamos”- 6x mencionado</p>

Tabela 5- Resultados do inquérito aos alunos

Tratamento dos Dados- Futsal

1-O feedback transmitido pelo professor influencia o desempenho do aluno?	Concordo Totalmente- 16 respostas
	Concordo- 7 respostas
	Sem opinião- 1 resposta
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente-
2-Consideras que o teu professor durante as aulas, transmite bastante feedback?	Concordo Totalmente- 15 respostas
	Concordo- 6 respostas
	Sem opinião- 2 respostas
	Não Concordo- 1 resposta
	Discordo Totalmente-
3-Consideras que parte desse feedback foi muitas vezes dirigida a ti?	Concordo Totalmente- 4 respostas
	Concordo- 13 respostas
	Sem opinião- 7 respostas
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente- 0 resposta
4-O feedback que o professor te transmitiu melhorou o teu desempenho?	Concordo Totalmente- 12 respostas
	Concordo- 11 respostas
	Sem opinião- 1 respostas
	Não Concordo-
	Discordo Totalmente-
5-Dá exemplo por favor, de um ou mais, feedbacks que te recordes de uma aula.	<p>“Boa tentativa, continua”- 1 x mencionado.</p> <p>Parar a bola antes de chutar- 4x mencionado</p> <p>Procurar o espaço vazio- 3x mencionado</p> <p>“Grande finta”- 1 x mencionado.</p> <p>“ Vai ao encontro da bola” -2x mencionado</p> <p>“Cabeça levantada”- 3x mencionado.</p>

Tabela 6- Resultados do inquérito aos alunos

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

	Atletismo	Futsal
Média de FB p/aula	22,3	22,3
Média FB aluno	17,3	9
Média FB Grupo	3	3,33
Média FB Turma	2	10

Tabela 7- Análise quantitativa de feedbacks corretivos

Através deste projeto e como é observável na tabela anterior, podem-se concluir diferentes aspectos interessantes de análise ao perfil de desempenho no feedback corretivo, tal como as diferenças significativas entre o feedback emitido em unidades didáticas referentes a modalidades individuais e modalidades coletivas.

Pode-se concluir que em modalidades individuais, o número de feedbacks emitidos foi superior ao número de feedbacks emitidos em modalidades coletivas; que em modalidades coletivas, os feedbacks assumiram predominantemente uma intenção de serem dirigidos à turma; que em modalidades individuais, os feedbacks assumiram predominantemente uma intenção de serem dirigidos a alunos individualmente; que o número de feedbacks emitidos foi sendo menor à medida que o tempo da unidade didática vai avançando; que os alunos têm a noção da importância do feedback emitido pelo professor, independentemente da modalidade em questão; que os alunos têm a percepção que o professor emite feedback em maior quantidade em modalidades de cariz individual, comparativamente com as modalidades coletivas; que os alunos têm a percepção de que lhes é mais administrado feedback individual, em modalidades individuais e que os feedbacks recordados pelos alunos, são na sua grande maioria de cariz prescritivo, o que me deixa bastante satisfeito.

7. CONCLUSÕES

De forma muito sintética, conclui-se que os objetivos propostos para este estudo foram alcançados, conseguindo estabelecer-se uma ideia mais clara e científica acerca do desempenho de um professor estagiário, na utilização do feedback corretivo como

instrumento de ensino-aprendizagem, o que por si só, é satisfatório, uma vez que se considera e se sabe da importância de um profissional reflexivo. Conseguiu-se ainda constatar que os resultados obtidos estão na sua grande maioria de acordo com a literatura referente ao desempenho de um bom professor.

Para além do que foi supracitado, pode-se ainda referir que chega-se à conclusão de que o feedback corretivo ao ser usado no processo educativo, deve estar carregado de uma prática pedagógica que conduza o aluno a refletir sobre seus erros e acertos, motivando-o para a construção e a reconstrução, num ciclo constante de aprendizagem.

8. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES DO ESTUDO

Uma das principais limitações deste estudo prende-se com o período de intervenção que foi demasiado curto, de apenas três meses, durante os meses de janeiro, fevereiro e março. Outra limitação do estudo prende-se com a amostra, que em futuras investigações deverá ser maior (uma vez que foi realizada apenas numa turma e numa escola) e abranger alunos dos vários anos e ciclos de escolaridade (tendo sido realizada apenas no 3º ciclo, mais especificamente no 9º ano de escolaridade).

Para além disto, foi apenas estudado o desempenho de apenas um professor, podendo e devendo em investigações futuras ser analisada a performance de vários docentes, tornando o estudo mais vasto e rico.

CAPÍTULO V – REFLEXÕES FINAIS

Chegou ao fim esta grande caminhada!

O Estágio Pedagógico foi certamente um momento único, tendo sido um ano de muito estudo, pesquisa, leitura, de esforço, de preocupação, de dedicação, de empenho, de trabalho, de cansaço, de procura de energias, de luta e perseverança para atingir os objetivos. Foi também um ano de enriquecimento, de partilha, de muitas alegrias e de muitos sorrisos. Resumidamente, foi o ingresso num mundo que desde muito cedo pretendia, tendo concretizado um sonho de infância.

Foi um ano bastante enriquecedor quer do ponto de vista científico, através da pesquisa e leitura de materiais pedagógicos para aplicar nas aulas, quer do ponto de vista pedagógico, através da implementação de estratégias, metodologias e estilos de ensino diversos, conhecimentos estes adquiridos e aprofundados.

Não quero deixar de referir a importância do Núcleo de estágio, pois através do constante trabalho colaborativo e da sucessiva troca de ideias e reflexões, sinto-me neste momento um profissional mais capaz e competente, desenvolvendo a capacidade de trabalho em equipa, cooperação e entajuda. Destaco também o fundamental acompanhamento do professor orientador Paulo Furtado, por todas as sugestões realizadas ao longo do ano, que tão importantes se revelaram na melhoria das intervenções pedagógicas.

Apesar do estágio representar o fim de um ciclo, continuarei à procura de mais e melhores conhecimentos que me permitam desenvolver pessoalmente e profissionalmente, ultrapassando as lacunas que for identificando ao longo da minha caminhada para que todos os dias me possa tornar um pouco melhor.

Se o estágio é considerado o fim de um ciclo de estudo, por outro lado considero-o como o início de uma nova era profissional e apesar conjuntura nacional que atravessamos, é isto que quero fazer para o resto da minha vida.

Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida!

BIBLIOGRAFIA

- Allal, L. (1986). *Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação*. In Allal, L., Cardinet, J. e Perrenoud, Ph. A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra: Almedina.
- Aranha, A. (2007). *Observação de aulas de Educação Física: Sistematização da observação - sistemas de observação e fichas de registo*. Vila Real: UTAD.
- Bento, J. O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Coleção Horizonte de Cultura Física.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal.
- Bogdan, R & Biklen, S (1994). Investigação Qualitativa em Educação, Porto Editora*
- Carlos, A. (1995). A importância do feedback no ensino das atividades físicas. In o Professor. Janeiro/Fevereiro 1995; III Série
- Cardoso, C. (1992). Comparação das funções de feedback em professores de Educação Física com diferentes formações iniciais (Licenciados e Bacharéis). Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação.*
- Carreiro da Costa, F. (1983). *A seleção de Estratégias de Ensino em Educação Física*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa/ Instituto Superior de Educação Física.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física*. Estudo das Condições e Factores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino. Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- Clark, C. M. & Yinger, R. J. (1987). *Teacher planning. Talks to teachers*. New York: Lake Akers, pp. 84–103.

Claro, R. D., & Filgueiras, I. P. (2009). *Dificuldades de gestão de aula de professores de Educação Física em início de carreira na escola*. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 8, pp.9 – 24.

Cohen, L & Manion, I (1990). *Métodos de Investigação Educativa*, 2ª Edição.

Costa, F. (1996). *Formação de Professores em Educação Física – conceção, investigação, prática*. Edições F.M.H. Lisboa.

Coutinho M.C (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teorias e Práticas*. Coimbra: Almedina. (pp 217-229).

Damião, M. (1996). *Pré, inter e pós acção. Planificação e avaliação em pedagogia*. Coimbra: Minerva.

Dias, L. & Rosado, A. (2003). *A avaliação formativa em Educação Física*. In Sarmiento, P. (Ed). *Pedagogia do desporto. Estudo 7*. Lisboa: Edições FMH.

Ferreira, V. (1994). *Contributos para a caracterização e organização das sessões de Educação Física e Desporto*. Revista Ludensl, Vol 14, nº 4.

Formosinho, J. (1992). *O dilema organizacional da escola de massas*. Revista Portuguesa de Educação, 5 (23-48).

Gonçalves, F., Albuquerque, A. & Aranha, A. (2010). *Avaliação – Um Caminho para o Sucesso no Processo de Ensino e de Aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI.

Gouveia, F. (2007). *Motivação e Prática da Educação Física*. Campinas: Papirus.

Hadji, C. (1994). *A avaliação, Regras do Jogo*. Porto: Porto Editora.

- Lima, J. (2002). *As culturas colaborativas nas escolas – estruturas, processos e conteúdos*. Porto: Porto Editora
- Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). *Teaching Physical Education* (1th online edition).
- Patrício, M. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed.
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal.
- Piéron, M. (1999). *Para una Enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. INDE
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. (1999). *Tipos de Avaliação. Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Ruas, P. (2001). *Um olhar reflexivo sobre a prática pedagógica/estágio*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Rosado, A. & Colaço, C. (2002). *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas*. Lisboa: Omniserviços, Representações e Serviços, Lda.
- Rosado, A. (1997). *Observação e Reação à Prestação Motora*. Cruz Quebrada, Lisboa: Edições FMH.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. INDE.

Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Second Edition. Mayfield Publishing Company.

Tavares, F. (2013). *Jogos Desportivos Coletivos: Ensinar a Jogar*. FADEUP.

Legislação consultada

Ministério da Educação e da Ciência, Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto.

Carta Educativa do Município de Coimbra 2008/2015, acedida a 27/04/2014 em [http://www.cmcoimbra.pt/dmdocuments/Carta Educativa do Municipio de Coimbra - 2008- 2015.pdf](http://www.cmcoimbra.pt/dmdocuments/Carta_Educativa_do_Municipio_de_Coimbra_-_2008-2015.pdf)

ANEXOS



PLANO DE AULA					
Professor:		Ano/Turma:	Período:	Data:	Hora:
Duração:		Local/Espaço:	Nº Aula:	Nº Alunos Previstos:	
Unidade Didática:		Nº Aula da UD:	Total de aulas da UD:	Função Didática:	
Objetivos da Aula:					
Recursos Materiais:					

Tempo ⊕	Tarefas/Situações de aprendizagem		Objectivos específicos	Descrição da tarefa/Forma organizativa	Componentes críticas/Critérios de êxito	Estilos de ensino/Estratégias de ensino
	R	P				
PARTE INICIAL						
PARTE FUNDAMENTAL						
PARTE FINAL						

Avaliação do Perfil de Desempenho do Feedback do Professor

Avaliação do Perfil de Desempenho do Feedback do Professor

Prezado(a) aluno(a), este inquérito tem como principal objetivo avaliar as informações/feedbacks transmitidos por mim, enquanto professor durante as aulas de Educação Física, com o intuito de realizar uma avaliação e com isso saber quais os aspetos positivos e negativos do meu desempenho. Para tudo isto, conto com a tua ajuda!

O feedback transmitido pelo professor influencia o desempenho do aluno?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Sem Opinião
- Não Concordo
- Discordo Totalmente

Consideras que o teu professor durante as aulas, transmite bastante feedback?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Sem Opinião
- Não Concordo
- Discordo Totalmente

Consideras que parte desse feedback foi muitas vezes dirigido a ti?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Sem Opinião
- Não Concordo
- Discordo Totalmente

Avaliação do Perfil de Desempenho do Feedback do Professor

O feedback que o professor te transmitiu, melhorou o teu desempenho?

- Concordo Totalmente
- Concordo
- Sem Opinião
- Não Concordo
- Discordo Totalmente

Dá exemplo por favor, de um ou mais feedbacks que te recordes de uma aula de Atletismo que o professor te tenha transmitido a ti.